

Enclausuradas de dia

À noite vinham buscar-nos para dormirmos com os chefes

— dolorosa experiência de mulheres raptadas pelos bandidos armados em Inhambane

«De dia, fechavam-nos numa casa e não nos permitiam sair. À noite, vinham buscar-nos para dormirmos com os chefes dos bandidos. Cada noite dormíamos com chefes diferentes e, se recusássemos, éramos amarradas e espancadas» — este depoimento é de uma das inúmeras raptadas pelos bandidos armados em Inhambane. O rapto de mulheres jovens para, à força, obrigá-las a manterem com eles relações sexuais, em orgias que promovem nos seus acampamentos, é uma das crueldades largamente praticadas por estes criminosos a soldo dos racistas sul-africanos. Na capital provincial de Inhambane, a nossa Reportagem entrevistou duas jovens que viveram esta dramática experiência, nas mãos dos bandidos, e que deles conseguiram escapar, fugindo corajosamente a coberto da noite.

Trata-se de Joaquina Pique Cumbane, de 20 anos de idade e Laurinda Laquene de 21 anos, ambas casadas. Mal refeitas ainda do choque sofrido as duas jovens exibem no rosto e noutras partes do corpo, evidentes sinais de torturas físicas, sobretudo as quais se destacavam a pancada e marcas de cordas nos pulsos e cotovelos.

— Encontram-me sozinha em casa, ao todo eram 10 bandidos. Perguntaram-me onde estava o meu marido e eu tentei mentir-lhes, dizendo que ele tinha ido para o «Johns» foi então quando ao vasculharem a minha mala descobriram as suas fotografias onde ele aparece ladeado (o marido é soldado das FAM/FPLM). Quando viram as fotos, o chefe deles ficou zangado e bateu-me, dizendo que afinal o teu marido é soldado, de Frelimo. Prenderam-me e carregando toda a minha roupa levaram-me com eles depois de incendiarem a minha casa — assim começou a história de Joaquina Pique Cumbane, natural de Maleiça.

NO ACAMPAMENTO INIMIGO

Conduzida para um acampamento situado nas imediações de Jangamo Joaquina Cumbane foi fechada numa casa juntamente com muitas outras mulheres, igualmente raptadas, onde permaneceu todo o dia.

Reparei que em volta desse lugar havia mais de seis casas da população, cujos habitantes fugiram quando os bandidos ali chegaram.

Essas casas, agora só servem para colocar as mulheres raptadas em vários lugares. Na casa onde me tinham metido e na outra mais próxima só vivíamos cerca de 20 mulheres — adiantou Joaquina Cumbane.

Mal anoitecia, aparecia um grupo de bandidos armados que conduzia todas as mulheres para o acampamento propriamente dito. Aqui, cada

uma delas era metida numa casa, onde já estava à espera um dos cabelhas dos bandidos.

E todas as noites era assim. Dentro da casa tínhamos que aceitar tudo quanto eles quisessem fazer de nós e não se dorme só com um único homem cada dia varia. Como no primeiro dia eu tivesse recusado a manter relações com o bandido que me foi distribuído amarraram-me nos pulsos e nos cotovelos e bateram-me dizendo que eu só queria dormir com o soldado da Frelimo.

Resolvida a pôr fim, de qualquer maneira, à dramática situação, ao anoitecer do terceiro dia, Joaquina Cumbane conseguiu escapar-se pela mata fora e, ludindo a forte vigilância montada, andou toda a noite até que, na manhã do dia seguinte, foi dar ao mar. Aqui, foi recolhida por pescadores que a conduziram às milícias populares.

SEGUNDA RAPTADA

Por seu turno, Laurinda Januário Laquene foi raptada em Jangamo, também em sua casa. Levaram-na para o acampamento de Tsoloma, onde tal como no primeiro caso, a puseram igualmente numa casa, juntamente com outras raptadas.

— Fiquei uma semana. De dia mandavam-nos comida já preparada por eles não nos deixavam sair durante o dia com o medo de que pu-

dássemos reconhecer o lugar, segundo me disseram outras mulheres que lá encontrei. À noite, vinham buscar-nos para dormir com eles. Cada dia dorme-se com outro — conta Laurinda Laquene.

Depois de afirmar que não conseguiu ver bem como decorre a vida no acampamento dos bandidos, porquanto ali só lá de noite relatou que



Depois de uma semana nas mãos dos bandidos, Laurinda Januário Laquene, conseguiu fugir, juntamente com três outras mulheres

a sua fuga deu-se uma semana depois, ao princípio da noite, juntamente com três outras mulheres raptadas. Apresentadas às autoridades foram todas bem recebidas e conduzidas ao hospital para tratamento, encontrando-se agora em período de repouso.



«Como tivesse recusado dormir com eles amarraram-me e deram-me pancadas» — Joaquina Pique Cumbane, uma das mulheres raptadas pelos bandidos armados